

FICHA DE LEITURA N.º4

Palavras-chave: auto-avaliação; avaliação externa; investigação; mudança; melhoria; momentos de avaliação; dificuldades da avaliação.

O presente texto, numa primeira parte, focar-se-á no processo de avaliação de um projecto de intervenção, fase que não surge apenas no final (como por norma se pensa) mas também no decorrer do próprio projecto, em todo o processo. De forma breve comparar-se-á a investigação com a avaliação e explorar-se-á a avaliação segundo a temporalidade. Numa segunda parte, a finalidade passa por compreender as dificuldades implícitas numa boa prática de avaliação.

Para começar é importante referir que a avaliação faz parte do processo de planeamento, tendo como objectivo conhecer os resultados e corrigir trajectórias de intervenção, caso seja necessário. Por esta razão compreende-se porque é que a avaliação de um projecto de intervenção é, de facto, um processo contínuo. É pertinente também falar de **modalidades de avaliação**, modalidades estas que podem ser quatro: auto-avaliação, avaliação interna, externa e mista. Assim, cada projecto pode e deve optar por várias modalidades, se bem que regra geral *“combina-se uma auto-avaliação e uma avaliação interna e externa”* (p. 175). Caracterizando cada uma destas modalidades, a auto-avaliação liga-se à avaliação realizada pela própria equipa, a interna pela organização gestora do projecto, a externa por sujeitos exteriores à equipa do terreno e a mista diz respeito a uma avaliação que combina os vários tipos de avaliação. Não pode deixar de ser dito que a avaliação exterior é sempre uma mais-valia, uma vez que é positivo termos alguém de fora que nos dá o seu parecer, uma outra visão da nossa que pode conduzir à melhoria do projecto. No nosso caso, não teremos realmente este tipo avaliação, contudo as orientações da docente e o seu parecer são uma ajuda para o desenvolvimento do projecto, acabando por funcionar como uma espécie de avaliação externa.

Quando falamos em **investigação e avaliação**, estamos a falar de processos distintos, processos com características e funções próprias. Tal como a autora afirma, a *“investigação distingue-se da avaliação porque não pretende medir os resultados de uma acção nem dar elementos que suportem decisões”* (p. 184). Assim, a investigação

apenas utiliza instrumentos de recolha de dados de informação de modo a obter um conhecimento real. Embora processos diferentes, como referi, não significa que tenham de ser inimigos, aliás eles podem mesmo funcionar como aliados: “investigação-avaliativa” (Zuniga, 1986, citado em Guerra, 2002). Neste sentido, a investigação avaliativa prevê os resultados que se ambiciona alcançar, logo é mais fácil organizar actividades que nos levem a atingir os fins, isto é, a controlar os resultados. Conclui-se que estes dois processos são interdependentes, até porque *“as metodologias de avaliação são metodologias de investigação”* (p. 184).

A avaliação assume, sem dúvida, diversas funções. **Mas afinal porque é que avaliamos?** Avaliamos porque avaliar significa comparar/medir/corrigir/melhorar. Avaliamos, sobretudo, para mudar algo. Assim sendo, a partir da avaliação obtemos informações úteis, conjecturamos decisões futuras e prevemos a eficácia da nossa intervenção. Sucintamente, as principais funções da avaliação são: de medida, de apoio à tomada de decisão, de processo de formação e de aprofundamento da democracia participativa.

Persistem vários **momentos de avaliação**, o que significa que esta difere de etapa para etapa do projecto. Estes momentos reportam-se simplesmente a três: avaliação diagnóstica, de acompanhamento e de resultados. Podemos dizer que estes três momentos conduzem a um último: a avaliação de impacte. Esta última avaliação pode ser realizada antes, durante ou depois da intervenção.

Avaliar é algo que fazemos constantemente, muitas vezes sem dar conta. Porém, nem todas as avaliações são consideradas boas. Na verdade, avaliar não é só dar resposta a um conjunto de problemas, é imprescindível um enquadramento teórico sustentado em várias disciplinas científicas. Por este motivo é que um dos problemas da avaliação é a exigência de peritos qualificados e com experiência, o que se traduz noutro problema – as avaliações tendem a ser dispendiosas e longas.

Em suma, devemos pensar a avaliação de um projecto de intervenção como adequada, pertinente, eficaz e eficiente. Algo que para mim tem feito cada vez mais sentido é, justamente, a distinção entre eficaz e eficiente, duas coisas que tentarei ter em atenção no meu próprio projecto. Por outras palavras, a avaliação até pode ter sido eficaz (os objectivos foram atingidos) mas não ter sido eficiente, pois o caminho pelo qual se optou não foi o mais rentável. Como vimos o processo de avaliação é tão ou mais importante no início como no fim do projecto, pois de que me vale conhecer os

resultados se nada fizer para modificar a minha estratégia aquando uma adversidade? Naturalmente espera-se que haja uma avaliação constante acerca das estratégias utilizadas, para se perceber se estas se encontram ou não adequadas aos objectivos inicialmente definidos.